

# “SAGAS & CRENDICES” HISTÓRIA E ESTÓRIA EM RUBENS DE MENDONÇA

Anna Maria Ribeiro F. M. Costa<sup>1</sup>

Mabel Strobel Moreira Weimer<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

Pretende-se evidenciar que o livro “*Sagas & crendices de minha terra natal*”, do historiador-folclorista<sup>3</sup> Rubens de Mendonça (1915-1983), constitui-se em um importante percurso para Mato Grosso se dar a conhecer, especialmente ao alunado do Ensino Fundamental. Na trajetória, um foco de luz é lançado ao conflito da Rusga ocorrido em Mato Grosso, em 1834, justificado por ser um fato histórico de grande relevância e, ainda, ausente nos livros didáticos de História, como bem analisou Fanaia (2014, p. 105):

[...] o problema não reduz apenas à ausência do tema enquanto conteúdo do ensino de história do Brasil, porém constata-se a invisibilidade da história de Mato Grosso, de modo geral na produção de materiais didáticos para o ensino médio e fundamental, ou seja, faltam materiais didáticos ou paradidáticos.

Dividido quatro partes, visa apresentar uma ação didático-pedagógica aplicada aos alunos matriculados no segundo ciclo do Ensino

---

1 Pesquisadora do Centro Cultural Ikuiapá/Museu do Índio/Rio de Janeiro, Professora do Univag Centro Universitário de Várzea Grande, Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

2 Assessora Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Várzea Grande, Professora do Univag Centro Universitário de Várzea Grande.

3 As autoras, sabedoras da vasta obra construída por Rubens de Mendonça ao longo de sua vida no campo da História, usam a designação “historiador-folclorista” exclusivamente em referência ao livro “*Sagas & crendices de minha terra natal*” (1969).

Fundamental, tendo como suporte o livro “Sagas & credences da minha terra natal”, de Rubens de Mendonça, escrito em 1969, enquanto Secretário Geral de Comissão Estadual do Folclore. Na primeira parte, “Mato Grosso sob o olhar de um historiador-folclorista”, uma breve biografia sobre Rubens de Mendonça é apresentada, com enfoque ao seu estilo literário que faz uma junção da história com o folclore. Em “Sagas & credences de minha terra natal”, são descortinadas as narrativas de Nhá França, a mentora que ensinou e guiou o menino Rubens na trajetória do folclore mato-grossense. “História e estória: a Rusga”, a terceira parte, atenta-se para o movimento da Rusga e suas imbricações com fatos pitorescos ainda presentes no imaginário do povo cuiabano, quando aporta-se em três contos: “Enterro do ouro”, “O chicote” e “Lágrimas do Bom Jesus”. Por último, em “Atividade didático-pedagógica” propõe-se ao Ensino Fundamental uma oportunidade para que o movimento da Rusga ganhe um espaço merecido na história de Mato Grosso e do Brasil.

Entre o real e o imaginário, fatos históricos e folclóricos unem-se numa estratégia didática que enriquece e complementa o conhecimento sobre a Rusga em Mato Grosso, com o intuito de despertar o interesse dos alunos nos conteúdos históricos, ainda trabalhados na perspectiva positivista.

Diante ao ilimitado interesse de Rubens de Mendonça pelo folclore, é o escritor posto lado a lado a Heitor Villa Lobos, Feliciano Galdino de Barros, Mário de Andrade e Luís Câmara Cascudo, que preocuparam-se em buscar no conhecimento popular ricas possibilidades para o entendimento da identidade multicultural brasileira.

Prefaciou o imortal da Academia Mato-grossense de Letras: “Em ‘Sagas & credences de minha terra natal’, Rubens de Mendonça reuniu o que há de mais belo e característico na tradição literária de Cuiabá”. (MENDONÇA, 1969, p. 3).

## 1. MATO GROSSO SOB O OLHAR DE UM HISTORIADOR-FOLCLORISTA

O historiador-folclorista Rubens de Mendonça acha-se ao lado de nomes como Mário de Andrade (1883-1945), Feliciano Galdino de Barros (1886-1938), Heitor Villa Lobos (1887-1959) e Luís Câmara Cascudo (1898-1986). Cada um ao seu modo, todos ícones da cultura brasileira, conseguiram mergulhar nas águas profundas da alma do Brasil. Lápis e batuta escreveram histórias, quando seguiram as trilhas do folclore para divulgar tradições e usos populares transmitidos de geração em geração, por tantas partes do país.

O escritor Mário de Andrade, que em viagem a descortinar o Brasil, muito além de encontrar “Dona Ausente”<sup>4</sup>, descobriu os “ritmos do samba rural, do choro, do frevo nordestino, da feitiçaria de pajelança, ritmos afros ou amazônicos” (BOSI, 2002, p. 23). Filho da terra mato-grossense, Feliciano Galdino de Barros, que em 1917 escreveu “Luz e sombras”, considerado o primeiro romance de ficção de Mato Grosso, deve ser lembrado também como um expoente do folclore. O livro “Lendas Mato-grossenses” faz

[...] fulgurar o espaço da cultura popular através das lendas recolhidas por Galdino, é uma forma de conhecer o saber popular, oportunizando ao leitor enriquecer e valorizar a cultura mato-grossense – que não se restringe ao universo letrado, culto, elitista –, mas é integrado, também, por outras formas de sentir, pensar e de conceber o mundo. Ambas se complementam, pois são detentoras de saberes diferenciados, porém não excludentes. (SIQUEIRA, 2001, p. 8).

Heitor Villa Lobos, índio de casaca ou Villá, como carinhosamente era chamado, rejeitou o ideal europeizante para cultivar com sua batuta a semente da brasilidade, a exemplo de “Uirapuru”, um de seus poemas indianistas sinfônicos. O conjunto de sua produção literária até hoje é aclamada “por ter sido o principal responsável pela descoberta de uma linguagem musical genuinamente brasileira, com obras que expressam nuances das culturas regionais, com elementos populares e indígenas” (COSTA, 2015, 7). O potiguar Luís da Câmara Cascudo, considerado o principal escritor a dar visibilidade às figuras fantásticas do folclore brasileiro, eternizou sua vivência no Dicionário do Folclore Brasileiro (1954) e em seus mais de cem livros. Saberes populares são as matérias-primas de seu trabalho, onde esculpiu a multiplicidade do povo brasileiro.

Revista Pindorama. Nome inspirado em um vocábulo Tupi-Guarani, Terra das Palmeiras. Fundada e dirigida Rubens de Mendonça, Gervásio Leite e João Batista Martins de Melo, representou em 1939, ano de sua fundação, a poética modernista em Mato Grosso.

O poeta moderno, participante ativo do grupo de Pindorama que ele mesmo define como o ‘grito de revolta contra o academismo’. Segundo o historiador, a proposta se justifica diante do atraso lite-

---

<sup>4</sup> *O Sequestro da Dona Ausente*, um estudo que percebe a ausência da mulher no folclore luso-brasileiro, consiste em uma análise primordial sobre a cultura brasileira. O termo Dona Ausente vem do além mar, de terras portuguesas, para entender o sentimento amoroso dos homens navegantes para exaltar a ausência da mulher amada (COSTA, 2013, p. 5).

rário do Estado que ainda se encontrava em meio às manifestações românticas. Rubens de Mendonça, juntamente com Gervásio Leite, pretendeu a modernização das Letras mato-grossenses, expressando-se por meio do grupo modernista de Pindorama. Malgrado a frustração do grupo, articularam o Movimento Graça Aranha. (SILVA, 2007, p. 123)

Sem dúvida, Pindorama trouxe para Mato Grosso um novo estilo que se apartou do academicismo, concepção não aceita inicialmente. Por não suceder o que se esperava, o “grupo dos três”<sup>5</sup>, Gervásio Leite, Rubens de Mendonça e Euricles Motta, lança o movimento Graça Aranha<sup>6</sup>.

Rubens de Mendonça, com estilo literário ímpar, desenhou outro Mato Grosso. Sem distanciar-se dos fatos históricos, descortinou um Estado irrigado por “sagas & crendices” que evidenciaram identidades sociais e criações culturais dentro de temporalidades efêmeras, pretéritas, contemporâneas. Como o percurso sinuoso dos rios a irrigar o Estado, o folclore, conservado no imaginário do povo, adentra em fatos da história mato-grossense a regar a constância de costumes tradicionais, indumentárias, crenças, superstições, lendas, festas e cantos.

História e folclore mostram-se em uma mesma exposição textual, como é o caso do livro “Sagas & crendices da minha terra natal”. Especialmente ao tratar da Rusga (1834) e da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), fatos históricos do período regencial brasileiro ocorridos na Província de Mato Grosso, Rubens de Mendonça, com primor, toma posse de elementos do folclore e da crendice para narrar particularidades dos episódios, com forte tendência a se perderem na estrada da “história”, da “estória”.

A propósito das palavras “história” e “estória” presentes no livro, que diferença há entre ambas? No ano de 1943, a Academia Brasileira de Letras eliminou a distinção gráfica entre história e estória, ao recomendar o emprego de “história” em quaisquer situações, ou seja, realidade ou ficção. Nos escritos de Rubens de Mendonça prevalecem as grafias, tornando-se evidente o uso da palavra “história” para fatos reais; “estória” para fatos fictícios, míticos, lendários, folclóricos.

5 As autoras usam o termo “Grupo dos três” em alusão ao “Grupo dos cinco” da Arte Moderna no Brasil, formado por Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Menotti del Picchia, Mário de Andrade e Oswald de Andrade, defensores dos ideais da Semana de Arte Moderna, de 1922.

6 Sobre o Movimento Graça Aranha, escreveu Rubens de Mendonça: o movimento visou “levar à Nação a nossa mensagem feita de crença nas coisas do espírito, de solidariedade e de compreensão. Queremos transmitir à inteligência mato-grossense esse dinamismo criador que sacode todo o País na hora decisiva em que vivemos” (MENDONÇA, 2005, p. 172).

Real ou imaginário, não importa. O que Rubens de Mendonça quer com “sagas & credences” é mostrar o que tem sua terra natal de diferente das demais. Quer evidenciar o cuiabano que o folclorista é “uma das mais ricas fontes nas quais podem abeberar-se os estudiosos que desejam conhecer a verdadeira alma de um povo”, como Leal de Queiróz escreveu no prefácio. A tradição oral no livro do historiador-folclorista tem a mesma dimensão que as fontes oficiais, as fontes escritas. Lado a lado encontram-se “história” e “estória”. Em pé de igualdade, e não de oposição, acham-se o real e o imaginário.

Em “Sagas & credences da minha terra natal”, a imbricação história-estória, estilo estratégico na narrativa de Rubens de Mendonça, é conduzida à lembrança de Walter Benjamin, que denunciou de forma contundente o desprezo pelas tradições. Como afirmou o crítico literário de nacionalidade alemã, a vida humana é resultado de uma estreita vivência estabelecida entre o narrador e sua matéria, uma relação artesanal. A forma narrativa de Rubens de Mendonça enseja novas “histórias”, “estórias” que admitem “diversas interpretações diferentes, que, portanto, ela permanece aberta, disponível para uma continuação de vida que dada leitura futura renova” (BENJAMIN, 1994, 13).

“*Sagas & credences*” apresentam Karl von den Steinen, Antonio Pedro de Alencastro, Couto Magalhães, Maria do Carmo de Melo Rego, João Poupino Caldas, José Maria Macerata, José Antonio dos Reis, Barbosa de Sá, Joaquim Ferreira Moutinho, Moreira Cabral, José de Mesquita e tantos outros personagens da “história”. A estes, misturam-se aos da “estória”: Currupira, Tibanaré, Lobsomem, Bruxa, Minhocão do Pari, Negrinho d’água. Figuras imaginárias ao lado das reais percorrem a Província de Mato Grosso, a Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá. Navegam o rio Cuiabá. São transeuntes do Morro da Prainha, Freguesia de D. Pedro II, do Porto, da Rua de Cima, da Rua do Meio, da Rua de Baixo, da Zona Velha, do Largo da Matriz, do Beco do Candieiro, do Beco Torto, do Beco do Xixo, do Largo da Mandioca. Adentram a Igreja de São Gonçalo, a Igreja Matriz. Sobem a Colina do Rosário.

Nhá França, a saudosa babá. É Rubens de Mendonça quem confessou: “boa velha na sua ingenuidade, acreditava piamente nela” (MENDONÇA, 1969, p. 27). Na constituição do relato, personagens históricos chamam por personagens folclóricos. Foi Nhá França quem ensinou a Rubens de Mendonça que o narrador precisa ter a habilidade de trocar experiências. Era, sem dúvida, sua “forma artesanal de comunicação”, nos ditos benjaminianos. Contos arraigados a uma tradição oral coletiva, “cronologia da história de Cuiabá”, como identificou o imortal Leal Queiroz.

Nas lições de Nhá França, o menino Rubens de Mendonça percorreu espacialidades e temporalidades múltiplas; desbravou “um Mato Grosso esquecido no coração do Brasil”. O passar dos tempos o transformou em “um desbravador das letras, das histórias, das peculiaridades”. A narrativa oral da babá Nhá França era um produto de sua experiência, da extensão de sua vida.

Em “*Sagas & credences da minha terra natal*”, Rubens de Mendonça, um historiador-folclorista, trouxe para sua narrativa a tradição oral que carrega pedaços da história. São jeitos de contar histórias (ou “estórias”?) que não se encontram em nenhuma outra fonte. Mesmo que sofram variações com o passar dos tempos, em seu cerne se conservam intocadas.

## 2. SAGAS & CRENDICES DA MINHA TERRA NATAL: UM PERCURSO ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO

Nos contos de Rubens de Mendonça, evidenciam-se saberes e experiências de pessoas simples, instauradas num espaço social, dinâmico e fruto do seu tempo – a cidade de Cuiabá, comemorando, naquele momento, 1969, seus 250 anos. Coincidência ou não, apresenta-se este texto, no exato momento em que completou essa cidade, seus 296 anos. O autor demonstra a construção da identidade e da história de uma comunidade ou grupo humano, como agente social e produtor de cultura.

É com a imagem daquele rosto salpicado pelos sinais da varíola de 1867, de Nhá França, que o autor desenvolve a obra “*Sagas & credences da minha terra natal*”. Assim, retrata o humano e os aspectos de sua cultura, em que a tradição oral é reafirmada pela magnitude da escrita.

Instigante e instrutiva, a obra já no seu índice dá evidências do conteúdo histórico e cultural a abordar: Cabeça de pacu; O nome de Cuiabá; Senhor Bom Jesus; A alavanca de ouro; Mãe de ouro; O crime de Ogun; Enterro de ouro; O chicote; Nossa Senhora do Carmo; Frei Macerata; O milagre da Custódia; Lágrimas do Bom Jesus; O ouro do defunto; Missa do galo; Laranjeiras cuiabanas; A visão; Padre do bate bruaca; Lobisomem; Minhocão do Pari; Mula sem cabeça e Tibanaré.

Apresenta a história do nome Cuiabá e do seu povoamento com a chegada dos bandeirantes paulistas, com ênfase nas viagens de percurso fluvial pelo rio Tietê. E nesse contexto dialogal, o pacu, peixe de água doce que representa o símbolo da fixação em Cuiabá – “quem come cabeça de pacu não vai mais embora desta terra”, faz parte do enredo da obra de Rubens de Mendonça.

O acontecimento da Rusga, a Guerra do Paraguai, a sociedade escravocrata e o trabalho nas escavações em busca do ouro em Mato Grosso são aspectos apresentados e que podem ser didaticamente trabalhados, de forma contextualizada com história do Brasil.

### 3. HISTÓRIA E ESTÓRIA: A RUSGA

Em “Sagas & crendices de minha terra natal”, nas páginas reservadas às sagas, dois principais fatos históricos são apresentados: a Rusga e a Guerra da Tríplice Aliança. O primeiro é narrado em três episódios, a saber: “Enterro de Ouro”, “O chicote” e “Lágrimas do Bom Jesus”. O conflito que envolveu o Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai apresenta-se nos contos “Senhor Bom Jesus” e “Nossa Senhora do Carmo”. Nesta discussão, optou-se em analisar a Rusga por ser um movimento ainda tão silenciado nos livros de história, conforme evidenciou Fanaia (2012, p. 60): a “História do Brasil, não é articulada com a História de Mato Grosso, ou seja, a História regional fica díspar da História nacional, longe de abranger os objetivos propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS)”.

Durante o decênio do período regencial (1831-1840), no ano de 1834, na Província de Mato Grosso, eclodiu o movimento político-social da Rusga. Da abdicação de D. Pedro I à aclamação da maioria de D. Pedro II, o Brasil atravessou um dos mais importantes períodos da história brasileira.

O período regencial foi um dos mais agitados da história política do país e também um dos mais importantes. Naqueles anos, esteve em jogo a unidade territorial do Brasil, e o centro do debate político foi dominado pelos temas da centralização ou descentralização do poder, do grau de autonomia das províncias e da organização das Forças Armadas. (FAUSTO, 2007, p. 161).

Nesse período, além da Rusga, em Mato Grosso, ocorreram várias rebeliões pelo país. A “Noite das Garrafadas”, manifestação ocorrida anteriormente à abdicação de D. Pedro I, em 1831, quando foi recebido com uma manifestação noturna de luminárias. Em um livro dedicado ao público infantojuvenil, Viriato Corrêa (1946, p. 195) escreveu:

Os portugueses iluminaram o quarteirão chamado português (as atuais ruas do Rosário, Ourives, Quitanda, Primeiro de Março, Teófilo Otoni etc.) e puseram-se a soltar foguetes, a dar vivas ao imperador e morras aos brasileiros. Os brasileiros invadiram o

quarteirão, apanharam os portugueses descuidados e lhes deram uma sova de pau.

De um lado, os portugueses a apoiar o imperador; de outro, os brasileiros em oposição ao imperador. Os “cabras” – os brasileiros – atacaram as casas iluminadas dos “marinheiros”, “pés-de-chumbo”, “marotos”, “caramurus”, nomes atribuídos aos portugueses, que revidaram com garrafas e cacos de vidro. O episódio, um dos principais acontecimentos do período imediatamente anterior à abdicação do monarca, em 1831, culminou na dissolução do ministério, de caráter moderado, substituído por outro, de tendência absolutista, o que provocou ainda mais os ânimos dos opositores.

Com a abdicação, completa-se o processo de independência. Os portugueses que ocupavam os principais postos da administração pública são substituídos por brasileiros. O grupo brasileiro, ao desvencilhar-se do imperador e seus auxiliares, passava a controlar sozinho o aparelho do Estado. (MONTEIRO, 1990, p. 121).

Contudo, a abdicação de D. Pedro I e a instauração da Regência não cessaram as manifestações de protesto. Poucos anos depois, pelo Brasil eclodiram diversos movimentos: Cabanada (1832), no Grão-Pará, Farroupilha (1835), no Rio Grande do Sul, Cabanagem (1835), no Pará, Sabinada (1837), na Bahia, e Balaiada (1838), no Maranhão. A instabilidade que perpassou o período regencial descreveu um descontentamento da população com o poder central de uma nação recém-independente. “A tropa e o povo”, como escreveu o historiador Boris Fausto (2007, p. 164), foram os protagonistas de inúmeras rebeliões, dentre elas, a Rusga (1834), em Mato Grosso.

A província de Mato Grosso, sob a presidência do conservador Antônio Maria Correa, viu-se em meio aos confrontos políticos. De tendência liberal, seus adeptos empunharam a bandeira da autonomia política das províncias, da reforma de velhas práticas coloniais. Do outro achavam-se os portugueses à frente da manutenção de uma política centralizada e dos mesmos privilégios do período que antecedeu a independência. O conflito teve como causa o confronto entre liberais e conservadores. Os conservadores possuíam entre seus membros muitos portugueses, defendiam a centralização e se reuniam no Sociedade Filantrópica. Com armas na mão, os liberais, representados pela Sociedade dos Zelosos da Independência, pretendiam retirar os portugueses do poder.

Antes do levante, autoridades locais, ao tomarem conhecimento das intensões dos liberais, tentaram desarticular o movimento. Como estratégia política, elegeram o tenente-coronel João Poupino Caldas, aliado dos liberais, o novo presidente da província. Mas, o ato não foi satisfatório a ponto de abrandar os ânimos dos revoltosos. Em de maio de 1834, estampido de tiros e vozes a bradar palavras de repúdio contra os portugueses quebraram o silêncio da madrugada. Um grupo de revoltosos seguiu em direção ao Campo do Ourique para tomar o Quartel dos Guardas Municipais.

A ala radical chefiou o movimento eclodido na noite do dia 30 de maio de 1834, tendo à frente a Guarda Nacional. Reunidos no Campo do Ourique [...], os revoltosos tomaram o Quartel dos Guardas Municipais, impedindo que esse corpo militar desse cobertura ao governo da Província, na repressão ao movimento. (SIQUEIRA, 2002, p. 89)

A Rusga contou com a defesa da Guarda Nacional que tomou o quartel dos Municipais e se colocou à frente da ação revolucionária. As ruas da capital foram o palco do levante. Os liberais reprimiram o revide dos soldados oficiais e saíram em perseguição aos “bicudos”, termo depreciativo dado aos portugueses, originário do sobrenome de Manuel de Campos Bicudo, bandeirante considerado o primeiro homem de descendência portuguesa a se fixar na região. A manifestação dos “rusguentos” saqueou as casas dos portugueses e matar cada um que se colocasse em seu caminho. A orelha decepada do inimigo morto seria tomada como troféu.

João Poupino Caldas, ao receber a notícia da revolta, pediu ao bispo de Cuiabá, D. José Reis, que tentasse conter a fúria popular. O bispo, atendendo ao pedido do governante, foi ao Campo do Ourique portando um crucifixo com a intenção de exorcizar o povo. (CAVALCANTE, 2006, p. 39).

A violenta ação causou a morte de centenas de pessoas. Após o incidente, providências foram adotadas, com o intuito de prender e julgar os líderes e participantes do movimento. De início, Poupino Caldas preferiu contornar internamente a situação e não informou aos órgãos do governo imperial. Contudo, sem alternativa, diante ao clima de tensão e violência, o governo central foi notificado oficialmente. A nomeação de Antônio Pedro de Alencastro como novo presidente da província deu início à intervenção, quando os principais representantes do movimento foram presos e mandados para o Rio

de Janeiro. Siqueira (2002, p. 90) elencou os líderes da Rusga, um movimento das elites cuiabanas:

Pascoal Domingues de Miranda (Bacharel em Direito e Juíz de Direito de Cuiabá), Brás Pereira Mendes (Professor de Filosofia e Lógica), José Jacinto de Carvalho (Promotor Público), Bento Franco de Camargo (Vereador da Câmara de Cuiabá, Secretário da Sociedade dos Zelosos da Independência), Caetano Xavier da Silva Pereira (Bacharel em Direito, Vereador da Câmara de Cuiabá e Major da Guarda Nacional).

Mesmo que nenhum dos envolvidos tenha sido punido pelas autoridades, a disputa não chegava ao fim. Mas, em 1836, quando João Poupino Caldas planejou deixar a província por se encontrar desprestigiado politicamente, foi misteriosamente assassinado. Uma bala de prata, munição comumente utilizada para matar traidores, atingiu suas costas. Inconformados com o resultado do levante, os liberais tornaram públicas suas impressões sobre a Rusga através de um manifesto anônimo publicado na imprensa do Rio de Janeiro. Assina o manifesto: “O Amigo da Justiça” (IHGMT, 2001, p. 29).

No livro “Sagas e credences de minha terra natal”, a Rusga, uma movimentação das elites cuiabanas, foi um dos fatos históricos ocorridos em Mato Grosso que recebeu atenção especial de Rubens de Mendonça. Narrado em três episódios – “Enterro de Ouro”, “O chicote” e “Lágrimas do Bom Jesus” – que fazem referência à violenta rebelião que marcou os primeiros anos do Período Regencial na província de Mato Grosso. Das ruas de Cuiabá, entre os anos de 1834 a 1837, da oralidade e da escrita, originaram-se histórias e estórias de uma rebelião das elites.

Em “Enterro de Ouro”, Rubens de Mendonça, ao desenhar o cenário da cidade – “naquela velha casa, ali na rua de Cima” – escreveu: “era o tempo da Rusga. Revoltado o batalhão, andavam os soldados pelas ruas, pelas casas, pelos sítios vizinhos, procurando bicudos para matar” (MENDONÇA, 1969, p. 29). Portugueses, em fuga, deixaram suas riquezas enterradas no interior de suas casas: ouro em barra, joias e prataria. Como muitos deles foram assassinados e outros tantos não retornaram à cidade, suas casas localizadas na zona velha, Rosário, Rua de Cima, Rua de Baixo, Rua do Meio, Beco do Candieiro, Beco Torto e Largo da Mandica passaram a ser lugar de exploração de riquezas, quando paredes e assoalhos foram escavados.

Juntos em “O chicote”, história e folclore contam sobre o violento levante ocorrido na província: o quartel tomado de assalto e o povo

aglomerado no pátio da Igreja Matriz ao som de estrídulos gritos, da troada de espingardas, das badaladas de sinos, dos toques de cornetas e da ressonância de caixas de guerra. Ruídos ritmados por sentimentos de padecimentos de horror, angústia e confusão embebecidos por lágrimas e sangue. O Bispo Dom José Antônio dos Reis, convocado para dissipar a movimentação, diante do quartel recebeu ameaças de um soldado que após proferir palavras de insulto ao dignatário da igreja, tentou agredi-lo com um chicote que, por uma ação misteriosa, ficou suspenso no ar.

Em “Lágrimas do Bom Jesus”, a revolta foi demonstrada nos versos gritados pelos rusguentos que seguiam em marcha pelas ruas da cidade: “Embarca bicudo, embarca/ Embarca, canalha vil/ Que Brasileiros não querem/ Bicudos no Brasil”. Na condição de narrador, o historiador-folclorista, após elencar os nomes dos cabeças, posicionou o Coronel João Poupino Caldas à frente da tropa de soldados que deu voz de prisão aos revoltosos. A enorme matança ocorrida durante a Rusga foi expressa na procissão do Senhor Bom Jesus, quando os olhos da imagem do santo padroeiro da cidade surgiram em lágrimas, no primeiro dia de janeiro do ano de 1835.

“Enterro de Ouro”, “O chicote” e “Lágrimas do Bom Jesus”, presentes na primeira parte do livro de Rubens de Mendonça, demonstram um dos estilos literários do escritor cuiabano ao associar fatos históricos às crenças e superstições. “História” e “estória”, saber histórico e saber popular propiciam o enriquecimento e a valorização da cultura mato-grossense, ambos integrados a diferentes formas de se conceber o mundo.

#### 4. ATIVIDADE DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

Fatos históricos e folclóricos se apresentam na obra de Rubens de Mendonça como uma autêntica proposta de educar para a cidadania, melhor ainda, para a cuiabania aberta ao intercultural, para o enraizamento da cultura, tanto dos nativos como daqueles imigrantes que escolheram a capital do Estado de Mato Grosso e terra natal de Rubens, para nela residirem e, conseqüentemente, estabelecerem laços interculturais.

Para além do estudo da Rusga no Ensino Fundamental, o livro pode ser trabalhado didaticamente pela pluralidade de formas de vida, pelo enriquecimento favorecido pelas narrativas de seu tempo e de sua linguagem específica do linguajar de um povo, jamais como representante de um grupo cultural fechado.

Sabe-se que no Brasil as características das regiões são diversas e diferenciadas um país complexo e multifacetado onde as migrações têm colocado em contato grupos diferenciados e a convivência entre estes grupos pode ser marcada pelo preconceito e pela discriminação ou pela solidariedade e respeito. O local favorável à aprendizagem de vivência num espaço público e que permite a coexistência, em igualdade, dos diferentes é a escola. Assim, especial atenção ao currículo escolar pode ser o caminho para a formação humana com base na tolerância e na alteridade para a constituição de uma cultura de paz.

Uma formação que primeiramente pergunte: qual a concepção de ser humano subjaz essa formação pluricultural ou intercultural? O que se entende por pluralidade cultural? Ao pressupor o ser humano como agente social e produtor de cultura, um sujeito ativo e sócio cultural evoca-se a emergência de suas histórias, de sua linguagem de seus sentimentos, de suas subjetividades delineadas no movimento do tempo em interação com o espaço.

Em se tratando de proposta pedagógica para as escolas da Educação Básica no Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ministério da Educação, elaborados em 1998, apresentam o tema da Pluralidade Cultural como proposta curricular transversal:

Pluralidade Cultural diz respeito ao conhecimento e à valorização de características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, às desigualdades socioeconômicas e à crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira. (BRASIL, 1998, p. 121).

A proposta sugere como estratégias didáticas e pedagógicas o levantamento e a valorização das formas de produção cultural mediadas pela tradição oral, com ênfase nas tradições culturais transmitidas oralmente num grupo social. Fundamenta na questão da ancestralidade em que

[...] os episódios são narrados por aqueles a quem o grupo delega autoridade para falar e reconhece a legitimidade da fala, respeitados pelas informações que receberam dos antepassados e pelo testemunho do grupo de suas experiências e sabedoria. (BRASIL, 1998, p. 122).

Na esteira dessa discussão e tendo como suporte a obra “Sagas & lendas da minha terra natal”, do historiador Rubens de Mendonça, as ações didáticas e pedagógicas especialmente para salas de aulas do 2º ciclo do Ensino Fundamental ou do 4º ao 6º ano. Dentro e fora de

sala de aula podem ser empregadas estratégias como o uso da tradição oral, da leitura deleite, da aula campo para conhecer a cidade, suas ruas e seus patrimônios históricos como igrejas, bibliotecas, museus, etc., das visitas aos pontos turísticos, das entrevistas aos moradores antigos da cidade, da pesquisa para confeccionar um glossário de vocabulário do linguajar popular, dentre outras.

Considerando as áreas do conhecimento, encontra-se na obra de Rubens de Mendonça conteúdos latentes das Ciências Humanas e Sociais, com ênfase no movimento social da Rusga. Em relação aos aspectos da “estória”, conteúdos tais como o folclore através das lendas, crendices e religiosidades. Na sensibilidade da linguagem, Rubens de Mendonça transversa todas as outras áreas do conhecimento, com a propriedade de um historiador que conta e reconta o seu mundo nos acontecimentos que a tradição oral lhe proporcionou compreender e que ele, sabiamente, soube interpretar e registrar com a sensibilidade de alguém que se encanta com a cultura de sua cidade e não tem medo de expor o amor por sua terra natal.

Com frases e textos Rubens de Mendonça auxilia os seus leitores a transportarem para um passado que apesar de longínquo, fica vivo e latente na memória histórica atual. Dessa maneira, as dimensões históricas e culturais de fatos que marcaram a história de Mato Grosso, do Brasil, especialmente o da Rusga, favorecem um pensamento crítico, histórico e social sobre os espaços onde professores e estudantes estão inseridos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rubens de Mendonça auxilia seus leitores a transportarem-se para um passado que apesar de longínquo, fica vivo e latente na memória histórica atual. Personagens reais e imaginários da Província de Mato Grosso, da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá singram o rio Cuiabá, sobem o Morro da Prainha e a Colina do Rosário, caminham pela Freguesia de D. Pedro II, do Porto, da Rua de Cima, da Rua do Meio, da Rua de Baixo, da Zona Velha, do Largo da Matriz, do Beco do Candieiro, do Beco Torto, do Beco do Xixo, do Largo da Mandioca. Chegam à Igreja de São Gonçalo, à Igreja Matriz.

Esta apresentação pretendeu evidenciar que o livro “*Sagas & crendices de minha terra natal*”, do historiador-folclorista Rubens de Mendonça, é constituidor de um rico percurso para o conhecimento do Mato Grosso. Uma luz foi projetada ao conflito da Rusga ocorrido em Mato Grosso, em 1834, tendo por base três contos: “Enterro do ouro”, “O chicote” e “Lágrimas do Bom Jesus”. A escolha se

deu por ser um fato histórico que colocou a província mato-grossense ao lado de outras regiões do país que clamavam pela instauração de uma nova ordem social e política e por ainda se achar esquecido nos livros didáticos de História. A proposta didático-pedagógica também propicia uma aula de campo, quando professores e alunos poderão percorrer os lugares citados em “*Sagas e Crendices de minha terra natal*”, concomitantemente à ouvir sobre os acontecimentos da Rusga.

“*Sagas & crendices de minha terra natal*”, nascidas das narrativas de Nhá França, a babá tão respeitada por Rubens de Mendonça, descortinam a Província de Mato Grosso com “histórias” e “estórias” do folclore mato-grossense. História e folclore unidas em um mesmo tecido textual para despertar nos alunos a vontade de estudar história da sua região, do seu Estado, do Brasil.

## REFERÊNCIAS

- BOSI, A. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Temas Transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAVALCANTE, Else. **História de Mato Grosso**: para concursos de exames vestibulares. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2006.
- CORRÊA, Viriato. *História do Brasil para crianças*. 13<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946 (Biblioteca Pedagógica Brasileira, Literatura Infantil, Série 1<sup>a</sup>, v. 18).
- COSTA, Anna Maria Ribeiro F. M. O índio de casaca. *Circuito Mato Grosso*, v. 529, 26.03.2015 a 02.04.2015, p. 7. Também disponível em: <http://circuitomt.com.br/flip/529/#19/z>. Acesso em: 28.03.2015.
- COSTA, Anna Maria Ribeiro F. M. Dona ausente. *Circuito Mato Grosso*, v. 464, 31.10.2013 a 06.11.2013, p. 5. Também disponível em: <http://circuitomt.com.br/flip/464/#17/z>
- FANAIA, Maria de Lourdes. A Rusga: entre a história e a historiografia. In: SENA, Ernesto Cerveira de; PERARO, Maria Adenir (Orgs.). *Rusga: uma rebelião no sertão: Mato Grosso no período regencial (1831-1840)*. Cuiabá: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, 2014, p. 103-113.
- FANAIA, Maria de Lourdes. O silêncio sobre a rusga nos livros didáticos de História. *Revista Territórios e Fronteiras*, v. 5, nº 2, jul.-dez., p. 61-69, 2012. Cuiabá: EdUFMT. Disponível em: <http://www.ppphis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/article/view/165>. Acesso em 31.03.2015.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12<sup>a</sup>. ed., 2<sup>a</sup> reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007 (Didática, 1).

IHGMT. *Acontecimentos da Rusga*. Manifesto Anônimo. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 2001 (Publicações Avulsas, 36).

MENDONÇA, Rubens de. *História da literatura mato-grossense*. Cáceres: UNEMAT, 2005.

MENDONÇA, Rubens de. *Sagas & crendices da minha terra natal*. Cuiabá: s/ed., 1960.

MONTEIRO, Hamilton de Mattos. *Da independência à vitória da ordem: da colonização portuguesa à modernização autoritária*. In: LINHARES, Maria Yedda (Org.). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1990, p. 111-129.

SILVA, Rosana Rodrigues da. A poesia mato-grossense na mira do historiador, crítico e poeta Rubens de Mendonça. *Terra Roxa e Outras Terras*, v. 9, p. 117-124, 2007.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In: BARROS, Feliciano Galdino de. *Lendas mato-grossenses*. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 2001, p. 7-8 (Publicações Avulsas, 25).